

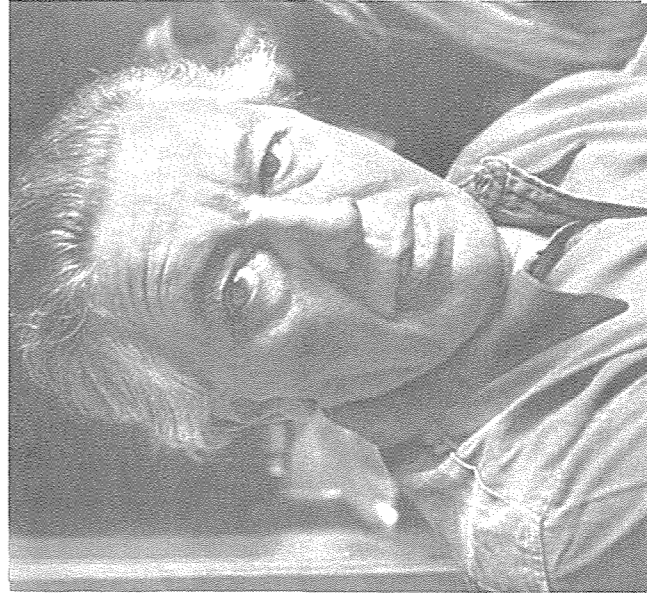
# SURREALISMO & ANARQUISMO

(entrevista com Miguel de Carvalho)

1. **André Breton (1896-1966), fundador histórico do surrealismo, passou pelo partido comunista francês, que abandonou horrorizado com os crimes de Estaline. Em Arcane 17 fala com entusiasmo das bandeiras negras do anarquismo. Depois de 1945 deu apoio a ações do movimento libertário. Podes adiantar algo sobre essas ações?**

Em *Arcane 17* (1947) declara André Breton ter descoberto na sua infância durante um passeio num cemitério parisiense, entre tantos e diversos monumentos funerários deprimentes e ridículos, uma lápide com a inscrição “Ni Dieu ni maître”. Desde então nunca mais deixou de reclamar da tradição libertária. A obra em questão testemunhou o sentimento confuso que se presentia no final do longo túnel pestilento que o mundo acabou então de atravessar. É a obra em prosa de Breton mais complexa e a mais rica de influências poéticas e esotéricas sendo também abordadas, embora de forma ligeira, as políticas. Em minha opinião, esta obra é sobretudo uma reflexão sobre o ocultismo e a arte mágica e não uma dissertação política. As *bandeiras negras* são evocadas nesta obra através de um sonho de Elisa Breton, mulher como se sabe, viria a ser a sua companheira até o final de sua vida. As *bandeiras negras* evocadas, representam no meu ponto de vista, o sonho e a revolta anarquista sem querer com isto significar uma tomada de posição política, tal como esse sonho de revolta é evocado inúmeras vezes na extensa obra poética de Breton. O surrealismo teve sempre uma tendência anarquista, em especial quando no tempo nos aproximamos das fontes e origens. Toma-se como exemplo o desenvolvimento e a investigação através do automatismo, uma das ideias de fundamentais do movimento, como uma revolta e uma posição contra a ordem lógica estabelecida pela sociedade, tanto nas disciplinas de literatura como nas da arte.

A história das relações entre surrealistas e anarquistas pode ser feita com base



nas aproximações e afastamentos entre ambos, sem nunca terem ocorrido verdadeiras rupturas. O texto fundamental de Breton sobre o Anarquismo é evidentemente “La Claire Tour”, um artigo com que ele contri-

Miguel de Carvalho, nascido em 1970, é um dos que melhor conhece hoje a tradição do surrealismo e a situação actual do movimento. Livreiro em Coimbra, organizou, em 2005, uma exposição de Cruzeiro Seixas, a que se seguiram três exposições internacionais, uma das quais juntou 130 participantes de 20 países. Em 2008, com João Rasteiro, Seixas Peixoto e Rik Lina, fundou *The Cabo Mondego Section of Portuguese Surrealism*. Miguel de Carvalho, também editor duma revista, *Debout sur L'Oeuf*, está ligado a muitas das publicações internacionais do surrealismo actual. Nas suas colagens viu Miguel Pérez Corrales um vero renascimento do género. Interessados nas relações do surrealismo com o movimento libertário e não esquecendo a afirmação do poeta António Maria Lisboa – em política o surrealismo *ao pronunciar-se dirá que a verdadeira democracia só será possível quando todos os homens forem poetas. Mas a isso não chama (...) democracia – mas ANARQUIA!* –, com ele tivemos

o diálogo que se segue.

buiu em 11 de Janeiro de 1952 para a revista *Le Libertaire*, e que posteriormente foi retomado na sua obra *La Clé des Champs* (1953). O texto em causa reflecte o quanto estava bem presente na memória de Breton, 40 anos depois, os planos onde o surrealismo foi pela primeira vez reconhecido – *dans le miroir noir de l'anarchisme* –, como uma forma de associação livre entre indivíduos que rejeitavam espontânea e colectivamente os contornos sociais e morais do seu tempo. Nesta altura, o então jovem Breton, aliase-se voluntariamente à imprensa anarquista e anarquizante como *Le Libertaire*, *L'Anarchie* ou mesmo *L'Action d'Art* onde artistas e intelectuais se encontravam em torno duma doutrina individualista inspirada por Max Stirner. Até o final da segunda Guerra Mundial, o grupo surrealista desenvolvido em torno de Breton pouco vibra pela causa anarquista, contando apenas com umas acções de cooperação entre ambos os meios, surrealista e anarquista, já depois de 1945, tal como testemunha *Arcane 17*. Depois do regresso de Breton em 1947

do seu exílio nos EUA e face a sucessivas e incontornáveis dificuldades materiais que os surrealistas tiveram em fazerem-se ouvir, o periódico *Le Libertaire* acolhe os surrealistas que retomam por sua conta as aspirações da Federação Anarquista por uma sociedade comunista libertária e publica os *Billets Surrealistes* (12 de Outubro de 1951 a 8 de Janeiro de 1953) assim como uma série de outros escritos. Uma polémica em torno duma obra de Albert Camus (*L'Homme révolté*), assim como diversas discussões mais profundas e acesas provocadas por um certo racionalismo militante do lado anarquista hostil ao sur-realismo, precipitaram o fim à aventura da colaboração. Em “La Claire Tour” o próprio Breton questiona-se: (...) *pourquoi une fusion organique n'a-t-elle pu s'opérer à ce moment entre éléments anarchistes et surréalistes?* (...).

3. **Que nos podes dizer sobre o tipo de relações existentes hoje entre o movimento surrealista internacional e o movimento anarquista?**

Não tenho tido conhecimento de relações estreitas entre ambos os movimentos.

Recentemente em França (2008), depois da publicação do livro *Surréalisme et Athéisme: à la niche les glapisseurs de dieu!* (2007) de Guy Ducomet – figura essencial do surrealismo da actualidade – houve da parte do Grupo Francisco Ferrer da Federação Anarquista francesa um grande interesse pela obra tendo convocado uma conferência na *Bourse du Travail*, de que resultou enorme afluência, tanto de surrealistas como de figuras ligadas ao anarquismo. “À la niche les glapisseurs de dieu!” foi um manifesto publicado em 1948 por Breton e subscrito por 50 individualidades ligadas então ao movimento surrealista, sendo em 2006 actualizado com mais 125 assinaturas de surrealistas do mundo inteiro, tendo como palavra de ordem “A chacun selon ses désirs”. Opondo-se à moral cristã, esta ocasião surgiu como retoma dos combates anticlericais e anti-religiosos do movimento surrealista. Mais recentemente, tenho tido informação de interesses e contactos com o movimento anarquista em França por parte do *Groupe de Paris du Mouvement Surrealiste* (GPMS), através de alguns dos

2. **Gostava que comentasses a seguinte frase de Natália Correia (1923-1993): “A bandeira negra dos anarquistas é a tónica que verdadeiramente guia a marcha do surrealismo contra a ordem e toda a espécie de constrangimentos.” (1973)**

Esta frase vem no seguimento de um conjunto de relatos que a autora faz sobre os acontecimentos e as relações do movimento surrealista, então centrado no grupo de Paris, na década de 20 com o partido comunista francês, em jeito de *ultimato surrealista a todas as formas de opressão* (aliás, título dado ao capítulo onde vem a afirmação de Natália Correia), cujas rupturas vêm descritas no *Segundo Manifesto do Surrealismo* em 1929. Como está relatado na obra de Breton, foram três as “figuras” que estiveram na base da



seus elementos mais considerados (Guy Girard, Michael Lowy e Michel Zimbacca, entre outros). São neste momento, as únicas colaborações (?) / contactos de que tenho conhecimento.

4. **Qual a importância histórica e com figuras como António Maria Lisboa (1928-1953), Mário Cesariny (1923-2006) e Cruzeiro Seixas (1920)?**

As obras destas três figuras mereceram desde logo muito cedo, ainda nos 50/60, a atenção internacional de surrealistas a partir de Chicago com Franklin Rosemont, de São Paulo com Sérgio Lima ou mesmo de Amsterdão com Laurens Vancrovel (onde em todas as revistas dos respectivos organizadores, encontramos forte e abundante colaboração) o que de alguma forma permite festejar o descobrimento de um país cujas fáctes se assemelhava a um novo amor, louco ou sublime (tanto faz) e cuja pro-

Conclui pag. 10